

22. O encontro que realiza a esperança na promessa

O Apocalipse fala de Cristo como “Aquele que é, que era e que vem” (Ap 1, 8). Que Cristo seja aquele que é e que era, isso pode se referir tão somente a Ele mesmo. Deus é em si mesmo; portanto, ele pode ser somente para si mesmo. Mas o fato de que Ele *venha* é para nós; de que Ele venha é para encontrar cada um de nós, é um “vir para nos procurar”, é uma oferta feita a nós, um acontecimento que interpela nossa liberdade, a liberdade de aguardá-lo, a liberdade de acolhê-lo e segui-lo.

Jesus vem e nos atrai; Ele se dá a nós e suscita em nós o desejo de nos entregarmos a Ele. Ele vem, encarna-se, desce até a estrebaria de Belém, até o túmulo, até os infernos, para atrair-nos a ele encarnado, a ele nascido, a ele presente, a ele crucificado, a ele ressuscitado. E o Ressuscitado continua esse “jogo”: vem e desaparece, vem e nos atrai ao Pai. Como quando ele encontra Maria Madalena após a Ressurreição: “Disse-lhe Jesus: ‘Maria!’ Voltando-se ela, exclamou em hebraico: ‘Rabôni!’ (que quer dizer Mestre). Disse-lhe Jesus: ‘Não me retenhas, porque ainda não subi a meu Pai, mas vai a meus irmãos e dize-lhes: Subo para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus’” (Jo 20, 16-17).

Primeiro, ele a alcança, aparecendo a ela como um humilde jardineiro, e depois diz a ela que não o detenha, porque ele quer atraí-la e a todos os discípulos ao Pai.

A misericórdia de Deus se resume no seu vir até nós para nos atrair a Ele. Perceber isso e fazer parte desse “jogo” transforma toda a vida, acende nela a luz da beleza de Deus que transfigura todas as coisas, mesmo as mais míseras e feias da nossa humanidade. Toda a nossa vida se torna um espaço precioso e compartilhado com todos, onde Cristo vem para nos tomar consigo e retornar ao Pai.

São Paulo, durante o julgamento perante o rei Agripa, diz que a razão da perseguição que sofre é a esperança na promessa feita por Deus a Israel:

“Mas agora sou acusado em juízo, por esperar a promessa que foi feita por Deus a nossos pais, e a qual as nossas doze tribos esperam alcançar, servindo a Deus noite e dia. Por essa esperança, ó rei, é que sou acusado pelos judeus. Que pensais vós? É coisa incrível que Deus ressuscite os mortos?” (At 26, 6-8).

Mas depois dessas palavras, Paulo, em vez de continuar a argumentar de maneira rabínica sobre esses temas aos quais ele sabe que seu público é sensível, esquece de se defender e começa a dar testemunho do seu encontro com Jesus, um encontro que ocorreu exatamente quando ele estava em uma luta áspera e violenta contra Ele e seus discípulos. Paulo começa a dar a razão da sua esperança anunciando o Senhor que encontrou na estrada de Damasco. Cristo realiza a esperança na promessa feita por Deus aos pais e da qual todo o Israel aguarda o cumprimento. Mas também, Cristo realiza a expectativa de salvação e de vida eterna de toda a humanidade e de todo o universo, porque, como escreve Paulo aos Romanos, “a criação aguarda ansiosamente a manifestação dos filhos de Deus [...] com a esperança de ser também ela libertada do cativeiro da corrupção, para participar da gloriosa liberdade dos filhos de Deus” (Rm 8, 19-21).

O único argumento para provar que a esperança de Israel e da humanidade se cumpre em Jesus é, portanto, o encontro com Ele, a sua palavra: “Caímos todos nós por terra, e ouvi uma voz que me dizia em língua hebraica: Saulo, Saulo, por que me persegues? Dura coisa te é recalcitrar contra o aguilhão. Então, eu disse: Quem és, Senhor? O Senhor respondeu: Eu sou Jesus, a quem persegues. Mas levanta-te e põe-te em pé, pois eu te apareci para te fazer ministro e testemunha das coisas que viste e de outras para as quais hei de manifestar-me a ti. Escolhi-te do meio do povo e dos pagãos, aos quais agora te envio para abrir-lhes os olhos, a fim de que se convertam das trevas à luz e do poder de Satanás a Deus, para que, pela fé em mim, recebam perdão dos pecados e herança entre os que foram santificados” (At 26, 14-18).

Esta página ilustra o que significa ser investidos na esperança de Cristo. Saulo cai por terra, junto com todos os seus companheiros. Mas ele já estava no chão, já estava afundado em uma vida sem esperança. Ele era prisioneiro do ódio e da morte, sem possibilidade de sair dessa condição, porque estava convencido de ser justo, santo, fiel, de ser servo de Deus. Para sair do fanatismo, é preciso se deparar com algo que derrube, que nos atire por terra. E, de fato, Jesus lança ao chão Saulo. Com que força? A luz do céu, a sua luz, a luz do seu rosto, mais brilhante que o sol. É uma luz que os envolve e deixa Saulo cego, mergulhando-o na escuridão. Mas nessa escuridão Saulo já estava caído antes daquele momento. Ele já estava cego, incapaz de ver Cristo.

Saulo, a partir daquele momento, tomado pela mão, acolhido pela comunidade de Damasco, pelo tímido discípulo Ananias, faz uma experiência que marcará toda a sua vida e missão: a experiência de que a única esperança é Cristo ressuscitado, que só ele nos levanta do pó, do túmulo, só ele nos liberta das trevas, do pecado, do ódio, do desespero. Quando Jesus crucificado desceu às trevas do abandono e da morte, ele o fez para alcançar o homem, Adão, de quem Saulo é como um representante essencial.

Paulo passará a vida recordando essa experiência, a única verdadeiramente preciosa, mais preciosa do que as experiências místicas que terá, como aquela de ser “arreatado ao paraíso” e de ouvir “palavras inefáveis, que não é permitido a um homem repetir” (2Cor 12, 4), em suma, de receber graças e poderes espirituais além da medida. Não serão essas experiências que o tornarão testemunha e profeta, ardendo de caridade para com todos, mas apenas a experiência de que somente Cristo nos salva do nada.